



Livre como o vento

Meu pai não esperava grande coisa do cachorro novo, mas tinha muitos planos para mim

W. W. MEADE

DESDE que tive idade para ajudar nos serviços de nossa fazenda em Indiana, eu sabia o que meu pai esperava de mim. Os deveres de casa eram feitos a tempo. As pessoas eram tratadas com justiça. Era melhor não haver desculpas. E eu ia ser médico quando crescesse.

Havia três gerações de médicos em minha família. Era isso que fazíamos. Eu sabia que era o que eu também fa-

ria. Ganhei o meu primeiro estetoscópio aos seis anos.

Eu ouvia histórias das vidas que o meu avô tinha salvo, dos bebês que ele fizera nascer, das noites que tinha passado acordado com crianças doentes. Ouvia histórias parecidas sobre o meu pai. À medida que ele se endeusava mais na minha cabeça, crescia a força da expectativa de que eu seguiria a tradição da família.

Nos meus aniversários meu pai me dava os talismãs de meus antecessores: as seringas de vidro de meu avô, um termômetro de mercúrio que tinha pertencido a um tio. Mostraram-me onde ficaria o meu nome na placa de bronze na porta do consultório. E assim a visão de minha carreira inevitá-

Com mais tempo pela frente, seria possível tentar destruir o objeto com armamentos nucleares.

Mas esta estratégia tem seus pontos fracos. Os explosivos teriam de ser superpotentes para pulverizar o asteroide e deixar apenas fragmentos pequenos o bastante para serem incinerados na entrada da atmosfera terrestre. Qualquer fragmento maior poderia representar uma ameaça quase tão séria quanto o corpo original.

Mais viável como estratégia, parece ser a tentativa de se desviar o objeto invasor com uma série de explosões nucleares de baixa intensidade. Um empurrãozinho seria capaz de desviar o objeto por uma fração de grau de sua rota de colisão com a Terra. Muitos crêem que a solução nuclear seria a única maneira eficaz o bastante para se evitar uma colisão. "Acredita-se que o emprego de armas nucleares seja o modo mais eficiente para interceptar e explodir a coisa em pedaços menores ou lentamente desviar seu curso", diz Harris.

Há outras saídas tecnológicas para se tentar desviar o curso de um asteroide, como o uso de *lasers* disparados da Terra ou de naves espaciais. Ao incinerar a camada exterior do asteroide, eles poderiam provocar alterações drásticas na sua massa. O cientista Jay

Melosh, da Universidade do Arizona, propôs a pulverização da superfície do objeto focalizando a luz do Sol, com o auxílio de enormes coletores de energia solar. Em caso de necessidade, seria possível desenvolver este tipo de defesa dentro de uma década.

A maioria dos cientistas que se dedica a estes estudos concorda que a população humana, provavelmente, não deverá ser eliminada pelo impacto de um corpo celeste antes de duas gerações.

"Há probabilidades de que isso não aconteça antes de 100 milhões de anos, mas nada impediria que isto acontecesse até mesmo amanhã", afirma Marsden. "Quando consideramos todos os amanhãs que acontecerão nos dois próximos séculos, acho que devemos tomar algumas providências em benefício dos nossos descendentes."

Em maio passado, um asteroide com cerca de 300 metros de diâmetro cortou o espaço a aproximadamente 400.000 quilômetros – mais ou menos a mesma distância que separa a Terra da Lua. Um objeto de tais proporções nunca tinha sido visto antes tão perto de nosso planeta. E o que é mais perturbador ainda: os astrônomos só perceberam que o asteroide se aproximava poucos dias antes de ele cortar os céus na vizinhança da Terra.



O que há por trás

A MÃO que embala o berço costuma estar ligada a alguém que não tem dormido o suficiente.

Jim Fiebig, United Feature Syndicate

QUANDO algo se consegue ler sem esforço, foi necessário grande esforço para o escrever.

Enrique Jardiel Poncela, em Lecturas para analfabetos